



A OBRA. *Fragmentos Setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa*, de Silvia Hunold Lara. Companhia das Letras, 430 págs., R\$ 58

MANIA DE NOBREZA

LIVRO As estratégias de sobrevivência de escravos e alforriados no Brasil colonial

POR MARCIA MENDES DE ALMEIDA

Os *Fragmentos Setecentistas* de Silvia Hunold Lara, agregando e recompondo em pormenores relatos de cronistas, correspondências oficiais, “reportagens” sobre festas dinásticas e religiosas no Rio de Janeiro e em Salvador (na segunda metade do século XVIII), fontes iconográficas e cartográficas, costuram uma interpretação sofisticada da mentalidade senhorial e metropolitana, da vida urbana sob o domínio português e da hierarquia social escravocrata.

Uma importante faceta do Rio de Janeiro e de Salvador, a de teatro do poder, era reafirmada no elaborado calendário cívico-religioso. A obrigatória presença da plebe, apinhada nas praças e ruas, reverente, extasiada com o fausto, legitimava o espetáculo reiterado de nobreza, glória e domínio colonial das Câmaras e demais administradores civis, eclesiásticos, judiciais e militares.

Exemplo das minúcias exigidas para tais espetáculos foram os rituais da execução de Tiradentes. Em Salvador e no Rio de Janeiro exacerbaram-se tanto a confusão das distinções sociais como o luxo

do vestuário. A Coroa tratou, desde o início do século XVIII, de consolidar leis, discriminando rígidos critérios para privilégios no tocante a trajes e ao uso de armas. Sucessivas leis suntuárias, coibindo o luxo das mulheres (negras ou mulatas, fossem escravas ou não) sempre endomingadas, fracassaram na tentativa de impedir que, não sendo brancas, mulheres cobertas de jóias ostentassem ricos trajes à noite.

A “mania de nobreza”, segundo o cronista Luiz dos Santos Vilhena, era geral entre plebeus que moravam em Salvador, extensiva aos seus séqüitos, a saber, a escravaria, “ornamentos necessários no ritual das exposições públicas”. Possuir escravos com suntuosos trajes tinha uma função mais que simbólica para os brancos, sobretudo as mulheres. Aquela que não os tivesse era desonrada, pois apenas pobres, negras e mulatas circulavam sós pelas ruas.

O olhar branco e senhorial tendia a igualar sob o signo da escravidão os negros, fossem africanos, crioulos, pretos, pardos ou mulatos. Livres, alforriados ou escravos, não deveriam ser confun-

didados com os brancos. Mulheres ricas e de pele escura, bem como homens, insistiam em exagerar sua liberdade, por meio de séqüitos de escravos e do luxo das roupas e armas.

A esmagadora presença urbana de pretos e mulatos, rebeliões, quilombos e fugas foi controlada com a introdução de “negros de todas as nações”, formando a conveniente Babel, além das diferenças já marcantes entre escravos crioulos, ladinos e boçais. Os nem brancos nem escravos, ou seja, os livres e forros, eram de difícil governo, no entender do governador da Bahia, marquês do Lavradio. Libertinos, ébrios, os mulatos deviam ser disciplinados em pequenas milícias.

O cronista Vilhena observou que na Bahia os mulatos não se tornavam nem humildes nem obedientes, mas “presunçosos, soberbos e vadios”, recusando-se, como os brancos, a se empregar em obras servis e mecânicas, para não se igualar aos negros. Também para o vice-rei do Brasil, o conde de Resende, além das escravas dissolutas e de escravos perambulantes (negros de ganho), o perigo eram pretos e mulatos forros.

Era urgente registrar todos, ensinar ofícios aos “vadios e viciosos” e remetê-los para o Sul. Silvia Hunold Lara, em todo um capítulo, descreve cerimônias do reinado dos congos, impressionantes palcos de pompa, tolerados se louvassem a monarquia e as conquistas de Portugal. Mas as irmandades de Nossa Senhora do

Luxo e rituais davam uma autonomia simbólica à plebe negra

Rosário dos Homens Pretos, no Recife, no Rio, em Salvador e nas Minas Gerais, tornaram a coroação dos reis negros uma afirmação de autonomia e de vida confraternal. Nelas muitas práticas religiosas, tradições e costumes africanos puderam florescer. Mensagens de caráter am-

bíguo, os reinados agradavam à plebe negra e mulata, rememorando reis da distante África. Podiam ser divertidos, solenes e igualmente despertar medo.

Restam alguns fragmentos pouco explorados, é pena, pela autora. Trata-se do papel exercido pelos capitães-de-mato e pelas milícias de negros e mulatos forros, componentes a mais no controle da plebe negra e mulata das cidades brasileiras. ■